



José Cardoso Pires

A BATALHA DE ALVALADE

O homem era todo em cinzento e trazia uma pasta de executivo. Quando me bateu à porta, tanto podia ser um vendedor de enciclopédias como uma Testemunha de Jeová a angariar anjos por conta própria. Puro engano: pelo cartão de visita que me estendeu na ponta dos dedos percebi que estava diante dum

“INVESTIGADOR ULISSIPONENSE
colaborador da imprensa regional”

Informou que andava a estudar a freguesia de Alvalade, sua História, sua gente e suas

Depois do Investigador cinzento ter batido a asa para outra porta, fiquei a pensar no vazio deste bairro em que vivo há tantos anos. Não tem história, só comércio, e, quando menos se espera, cartões de crédito a esvoaçar para mãos desconhecidas. Os jornais dizem que é uma das zonas de mais assaltos em Lisboa, mas não se vê nem sombra de polícia, porque esta Batalha de Alvalade já nem a Rainha Santa a salvava.

atividades. Alvalade, esclareceu, tinha uma alta densidade comercial, o que até nem era mentira nenhuma porque só no largo onde eu moro há dois postos multibanco e três agências bancárias. Um ambulante tão informado manda-se entrar imediatamente e serve-se-lhe logo café.

Bebemos e o homem, antes que eu me pronunciasse, começou pela Situação Geográfica.

Situação geográfica: Alvalade incluía anti-

gamente o terreno que hoje conhecemos por Campo Grande. Com o tempo, uma parte dessa zona decidiu tornar-se independente e levou o nome com ela. Alvalade, portanto. Vendo-se mais reduzida, a parte que ficou resolveu chamar-se Campo Grande só para irritar os dissidentes, e muita sorte em não ter passado a chamar-se Campo Maior, comentou o Investigador Ulissiponense com um sorriso arrezado.

História: Bem, Alvalade é célebre por causa da batalha de D. Dinis contra o filho que o quis desfeitear. Só que não houve batalha nenhuma, houve milagre. A Rainha Isabel, que por acaso também era Santa, apareceu numa rosa de luz entre o marido e o filho e pôs ponto final na contenda. Alvalade tem os seus mistérios, segredou o Ulissiponense.

“A quem o diz”, murmurei eu, que ainda hoje não sei o que é feito da alcaeteia de pides que vivia neste bairro.

Mas o Ulissiponense cinzento só estava interessado em mistérios de História antiga e voltou ao D. Dinis. Segundo ele, o monarca, entre muitos versos e estroinices, tinha uma brutalidade de filhos bastardos sem mãe que se lhes conhecesse. Outro mistério, não era?

Acendi um cigarro e soprei para o ar.

E ele: “Sabe, isto de muitos filhos desorienta um pai e foi o que aconteceu ao D. Dinis. Quanto a mim, aquela batalha de Alvalade não tem outra explicação”.

Para exemplificar, contou que na sua própria família havia uma prova disso. Um avô dele teve tantos filhos, tantos filhos, que certo dia em que estava com visitas chamou a mulher para que lhe trouxesse um deles, o Celestino. “Celestino?”, espantou-se ela. “Homem, Celestino por enquanto ainda não há!”

Bom, mas isto era apenas um a-propósito sem importância. O que o Ulissiponense pre-

tendia era colher informações sobre Alvalade tal como está agora, para um estudo que pensava dar à estampa. Nem lhe dei tempo para abrir a esferográfica, despejei tudo em duas penas. Situação: para mim, Alvalade estava limitado a norte e a sul por automóveis, a oeste por um Santo António de perna curta em estátua mal alinhavada e a leste por uma igreja que dava horas com avé-marias como se não houvesse ninguém com relógio. De História sabia que há duas décadas moravam aqui muitos deputados do regime, e quanto à população actual, além de bancários e indianos de bons modos, só havia a romancista Lídia Jorge, o professor Daciano Costa e o “jazzman” Vilas-Boas que à tarde habitava na Pastelaria Biarritz, aqui ao lado. Mais alguma questão?, perguntei.

Depois do Investigador cinzento ter batido a asa para outra porta, fiquei a pensar no vazio deste bairro em que vivo há tantos anos. Não tem história, só comércio, e, quando menos se espera, cartões de crédito a esvoaçar para mãos desconhecidas. Os jornais dizem que é uma das zonas de mais assaltos em Lisboa, mas não se vê nem sombra de polícia porque esta Batalha de Alvalade já nem a Rainha Santa a salvava. Trava-se com brigadas de gatunos de esticão e saltadores de automóveis e, se aparece um vigarista a dar música ao cidadão, há logo que festejalo porque é um expedicionário à moda antiga, que ainda dispara conversa em vez de apontar o facão.

E no entanto, à primeira vista, tudo é ordem e paz — o mistério está aí. Um mistério às vezes tão impossível que se calhar é capaz de andar por estas guerras o Celestino de que me falou o Investigador cinzento. O tal filho que nunca existiu. ●